

Programa de Educação de Jovens e Adultos como Processo Formativo: relato de experiência acerca da extensão universitária na atuação do PEJA/Araraquara¹

Maria Júlia Canazza Dall'Acqua



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Resumo

O relato apresentado enfoca uma análise acerca de alguns aspectos inicialmente detectados no processo de retomada das atividades do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), no Campus da UNESP em Araraquara/SP. Situando a relevância das atividades de extensão universitária frente aos graves problemas que afetam a qualidade da escola e da educação no Brasil, em particular a Educação de Jovens e Adultos, e considerando que o enfrentamento dessa realidade deva se dar sob a perspectiva da formação articulada com a pesquisa, a reflexão feita busca apresentar o perfil dos alunos que se interessaram em participar do processo de reorganização do grupo de professores alfabetizadores, os passos iniciais nesse processo de formação de salas de aula e as manifestações e impressões manifestas por duas bolsistas integrantes do PEJA quanto às atividades que passaram a realizar, na atuação docente frente a uma sala de aula. Destacando pontos positivos e dificuldades detectadas, as análises empreendidas pelas participantes revelam o valor das atividades de extensão, intimamente relacionadas à pesquisa e à formação profissional, bem como dão pistas sobre elementos que poderiam enriquecer e engrandecer a formação inicial em cursos de licenciaturas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Formação inicial de professores. Extensão universitária.

Program for Education of Young Adults and Format as Procedure: report of experience on the role of the university extension PEJA/Araraquara

¹ Essa é uma versão ampliada e aprofundada de trabalho anteriormente apresentado sob a forma de comunicação oral por ocasião do VI Encontro do PEJA, realizado na Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Campus de Marília, em 2008, constando dos anais do mesmo.

Abstract

The report that is presented here focuses on an analysis of some aspects initially detected in the resumption of activities of the Program on Education for Youth and Adults (Peja), at the *Campus* of UNESP in Araraquara / SP. Accordingly, placing the importance of extramural activities for training licentiates face the serious problems affecting the quality of school and education in Brazil, particularly the Education of Youth and Adults, and considering that the face of this reality should be given from the perspective of training combined with the research, reflection that is presented here, seeks to present the profile of students who are interested in participating in the process of reorganization of the group of literacy teachers, the first steps in the process of training in classrooms and the events and views expressed by two scholarship girls of the stock *PEJA* on the activities for which came to be called to perform in front of a teacher performance classroom. Highlighting strengths and difficulties identified, the analysis undertaken by the participants reveal the value of the activities of extension, closely related to research and training, as well as give clues about factors that could enrich and enhance the initial training courses for graduates.

Key words: Adult and youth education; Training; University extension.

Não é novidade o fato de que o Brasil apresenta uma lacuna histórica no que diz respeito aos investimentos na área da educação, condição essa que se traduz em uma triste realidade, cuja complexidade expõe problemas cada vez maiores e acaba por situar o país aquém de um patamar mínimo fixado para países em desenvolvimento, tal como sugerido por organizações internacionais (WEGRZYNOVSKI, 2008). Os dados mais recentes, embora indiquem uma discreta melhora quantitativa nos índices gerais, são categóricos no que diz respeito à qualidade da escolarização em nosso País:

Os dados sobre desigualdades sociais em educação mostram que, enquanto os 20% mais ricos da população estudam em média 10,3 anos, a classe dos mais pobres tem média de 4,7 anos, com diferença superior a cinco anos e meio de estudo entre ricos e pobres. Os dados indicam que os avanços têm sido ínfimos. Por exemplo, a média de anos de estudo da população de 15 anos ou mais se elevou apenas de 7,0 anos em 2005 para 7,1 anos em 2006. E o número de analfabetos, que era de 15,1 milhões em 2001, reduziu-se para 14,99 milhões em 2005 e para 14,39 milhões em 2006. (WEGRZYNOVSKI, 2008, p.38).

Os dados sobre desigualdades sociais

Não temos conseguido reverter uma herança de aproximadamente quatro séculos de negligência para com a população. De acordo com Vasconcelos (2006), na Europa a escola se difundiu rapidamente a partir do século XVIII e quase todos os países do continente conseguiram universalizar o acesso à educação ainda no século XIX ou no início do século XX. No Brasil, porém, a situação não foi a mesma.

Em meados do século XVIII, cerca de apenas um em cada 10 mil brasileiros freqüentava a escola, e em torno de 70% da população era analfabeta em 1900. As razões por trás disso são fáceis de entender. Nessa época, aproximadamente dois terços da população de Portugal também era analfabeta. O cenário estava pronto, pois o Brasil não herdou de seu colonizador uma tradição educativa. (VASCONCELOS, 2006).

Assim, embora o problema seja antigo, cada vez mais delinea-se como assunto dos mais urgentes, pois se no passado o maior problema era de acesso, hoje com um índice de matrícula de crianças brasileiras no Ensino Fundamental atingindo em torno de 97,1%, um dos obstáculos mais urgentes que o sistema de ensino precisa superar é a questão da equidade ou, melhor dizendo, a falta dela, dado que já no Ensino Médio esse índice de matrícula cai para 65,4% e a taxa de analfabetismo, na média geral, permanece na casa dos 15,5% (JANNUZZI, 2006).

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostram que a experiência escolar é uma imersão num mundo desconhecido e difícil, visto que para a população jovem e adulta, de maneira geral, o tempo médio de permanência na escola continua bastante restrito, muito abaixo do mínimo obrigatório estabelecido pela legislação, embora ainda assim com aumento no índice, tal como é possível verificar por meio dos dados apresentados no quadro que se segue.

Quadro 1 – Média de anos de estudo da população ocupada com 16 anos ou mais de idade, segundo sexo e cor/raça. Brasil, 1996 e 2007.

1996				2007			
Mulheres		Homens		Mulheres		Homens	
Negras	Branças	Negros	Branços	Negras	Branças	Negros	Branços
5,2	7,6	4,4	6,8	7,4	9,3	6,3	8,4

Média		Média	
Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
6,4	5,6	8,3	7,3
Média geral		Média geral	
6,0 anos		7,8 anos	

Fonte: Pinheiro et al., 2008.

Os dados apresentados no Quadro 1 permitem visualizar não apenas o acesso diferenciado, mas também a progressão desigual no sistema de ensino por raça e gênero. As mulheres apresentam melhores condições do que o grupo masculino pelos indicadores de acesso e permanência e, no geral, há a constatação de um aumento médio de dois anos de estudo no período, para todos os grupos analisados. Contudo, um olhar mais minucioso revela que, por exemplo, enquanto a média de anos de estudo para homens brancos era de 6,8 anos e para homens negros era de 4,4 anos no início do período acompanhado, em 2007 os valores subiram para patamares que, ainda assim, guardam uma diferença cuja redução foi de apenas 0,3 anos, num acumulado de quinze anos.

Se essa é a condição de escolarização da população adulta, entre os jovens a situação também é preocupante. Na faixa etária de 15 a 17 anos, dois em cada dez jovens estão fora da sala de aula; outros quatro freqüentam o Ensino Fundamental e apenas quatro cursam o Ensino Médio, nível no qual deveriam estar todos os adolescentes pertencentes a essa faixa etária. Representando 26,4% da população brasileira, num conjunto de 50,2 milhões de jovens de 15 a 29 anos, segundo dados estatísticos de 2007 (IPEA, 2007), menos da metade (48%) freqüenta o Ensino Médio, 44% não concluiu o Ensino Fundamental, 18% está fora da escola, e os jovens analfabetos são 1,7% daqueles com idades entre 15 e 17 anos, 2,4% no grupo de 18 a 24 anos e 4,3% na faixa etária de 25 a 29 anos.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 10,9% dos brasileiros com mais de 15 anos não sabem ler nem escrever. Em 2002, essa taxa era de 11,8%, totalizando 14,8 milhões de analfabetos. Portanto, apenas 213 mil pessoas tiveram a chance de se alfabetizar. Comparando com dados da América

Latina, a taxa de analfabetismo na Argentina era de 2,8% em 2001, e no Chile, 4,3% em 2002 (VASCONCELOS, 2006).

Não é difícil perceber que o baixo aproveitamento tende a elevar a probabilidade de fracasso e atraso na trajetória escolar, aumentando o desvio idade/série, que é um problema bastante recorrente no Brasil. Com isso vai começando, aos poucos, um abandono que se acentua ao longo do tempo. Tal cenário potencializa o alerta que diferentes especialistas vêm emitindo ao longo dos últimos anos: além do acesso à sala de aula, a qualidade da educação configura-se como problema fundamental a ser solucionado pelas políticas educacionais. O novo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), lançado em 2007 pelo Ministério da Educação (MEC), mostra que as escolas brasileiras estão muito aquém do que o próprio governo entende como qualidade. Em relação ao Ensino Médio, por exemplo, a nota média do País é 3,4. O padrão mínimo estabelecido como aceitável é 6 (RELATÓRIO..., 2007).

Nos dados apresentados no Quadro 2, que se segue, estão contidas informações relativas ao desempenho em leitura escrita para alunos de Ensino Fundamental:

Quadro 2 – Média percentual de crianças de 7 a 14 anos que não sabem ler e escrever

Idade/anos	7	8	9	10	11	12	13	14
Percentual	90,8	92,4	89,6	85,6	81,3	71,4	57,9	45,8

Fonte: IBGE, 2008.

Esse problema, contudo, não fica restrito ao Ensino Fundamental, muito pelo contrário, vai refletir no Ensino Médio, que acaba sendo caudatário de uma situação que lhe antecede.

[...] Mesmo com o crescimento do acesso à escola para esse grupo, de 69,5% para 82,2% entre 1996 e 2006, a taxa de frequência líquida em 2006 não atingia metade do segmento populacional: 47,1%. No Norte e Nordeste, havia estados em que esse percentual era menor que 30%, casos do Pará (28,4%) e Alagoas (25,4%). [...]. (IBGE, 2007).

Um relatório sobre a situação da educação no mundo, divulgado pela

Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), situa o Brasil em 72º lugar entre 127 países. Além disso, segundo o último Indicador de Analfabetismo Funcional, de 2003, apenas 25% da população brasileira tem capacidade de leitura plena e consegue comparar informações contidas em diferentes textos.

Os brasileiros tecnicamente alfabetizados, mas capazes de ler tão somente frases e enunciados curtos, são 37% da população, os que se limitam a localizar informações simples em uma única frase somam 30%, e 8% são totalmente analfabetos. O indicador é calculado desde 2001 pelo Instituto Paulo Montenegro, do Ibope, em parceria com a organização não-governamental Ação Educativa, por meio de uma pesquisa sobre analfabetismo funcional realizada com brasileiros de 15 a 64 anos de idade. (LINDOSO, 2004).

Em qualquer série, um jovem brasileiro tem um nível de competências educativas que corresponde aproximadamente ao de um europeu médio com cinco anos a menos de estudo. Em 2007, 5,3% das pessoas nessa faixa etária eram analfabetas, e houve uma redução significativa em relação a 1997 (12%). Entretanto, as regiões Norte (6%) e Nordeste (6,5%), apesar de registrarem reduções expressivas, ainda possuem taxas que são quase o dobro das demais regiões. Os programas de alfabetização para jovens e adultos podem representar uma resposta adequada a esse tipo de problema. No ano de 2007, 2,6 milhões de pessoas declararam freqüentar esses cursos, das quais pouco menos da metade (45,9%) estava em curso correspondente ao Ensino Fundamental e 20,7% em curso de alfabetização. Contudo, o fato do ingresso na escola é, sem dúvida, uma grande conquista, mas é só o primeiro passo. Agora é preciso investir incansavelmente em qualidade, o que inclui aperfeiçoamento dos professores, melhoria da infra-estrutura e motivação dos profissionais envolvidos, pois o analfabetismo atinge 14,4 milhões de pessoas com 15 anos ou mais e está concentrado nas camadas mais pobres, nas áreas rurais, especialmente do Nordeste (IBGE, 2007).

Diante de tais colocações, brevemente resumidas, mas que permitem ter uma visão clara do grande desafio que se coloca ao País, um projeto de Educação de Jovens e Adultos justifica-se plenamente e apresenta uma possibilidade ímpar de formação inicial diferenciada a alunos de licenciaturas. Nesse sentido, a extensão universitária representa uma efetiva e valiosa oportunidade a ser defendida e ampliada no interior das universidades públicas.

Extensão universitária como espaço de pesquisa e formação

Tendo como data de referência o ano de 1987, em que se constituiu o Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas, começa a delinear-se o conceito de extensão como “[...] processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabilizando a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade” (UNESP, 2007, p. 5).

Entendida dessa forma, e deixando o caráter assistencialista com que erroneamente pode ser caracterizada, a extensão universitária, por meio de seus projetos, é uma forma de interação permanente com a comunidade na qual se insere, como uma via de mão dupla, em que ambos os lados beneficiam-se e produzem conhecimentos. Por meio da extensão, a universidade tem a oportunidade de integrar os conhecimentos que produz com a pesquisa e que normalmente divulga com o ensino.

[...] há na universidade uma dimensão básica, sempre presente: a de aprender. Aprendemos quando fazemos pesquisa, aprendemos quando ensinamos, aprendemos quando fazemos extensão. Esta é uma questão fundamental: a Universidade tem que estar disposta a aprender permanentemente. Aprender não só com o texto ou com a experiência do laboratório. Tem que se propor a aprender com seus alunos, com seus funcionários, com seus professores; tem que aprender com a comunidade, com o meio que a envolve, com a história, com sua própria história. Só à medida que aprender de todas as fontes é que a Universidade se habilita verdadeiramente a ensinar, pois só assim ela assume a sua dimensão de universal. (TREIN, 1995, *apud* UNESP, 2007, p.91).

Firma-se, dessa forma, o compromisso de buscar caminhos para a transformação social e o enfrentamento das condições de desigualdade que expõem a população mais vulnerável da sociedade de maneira geral.

O Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da UNESP, nessa linha de raciocínio, propicia condições e meios para que alunos de licenciaturas possam ingressar num processo particularmente interessante de formação inicial, ao fazer da atuação um “laboratório” de reflexão sobre si mesmo, sobre sua atuação e a realidade que o cerca.

A seguir serão apresentadas informações acerca do processo de seleção de alfabetizadores, organização das salas de aula e impressões dos professores/alfabetizadores sobre as implicações da participação no PEJA/UNESP-

Araraquara para a formação acadêmica e profissional dos mesmos, na tentativa de registrar os passos que constituíram a trajetória dos envolvidos no trabalho a partir do ano de 2008.

Perfil dos alunos de licenciaturas envolvidos no processo de seleção de professores alfabetizadores

No final do ano de 2007 o PEJA/UNESP-Araraquara realizou seu processo seletivo para a formação do novo grupo de alunos/professores alfabetizadores do projeto. Esse processo, que foi aberto a todos os alunos dos cursos de licenciatura da Faculdade de Ciências e Letras (Ciências Sociais, Letras e Pedagogia), ocorreu por meio de duas etapas: a primeira com prova escrita e a segunda com a entrevista dos alunos selecionados.

Foi possível, então, a partir da realização das duas fases, traçar o perfil dos alunos que participaram do processo de seleção do projeto. No total foram 140 alunos inscritos, sendo que 91 compareceram para realizar a prova escrita. E dos 91 alunos que a realizaram, 28 foram selecionados para a entrevista, cujo perfil é apresentado no Quadro 3, que se segue.

Quadro 3 – Número e porcentagem de alunos dos cursos de licenciatura que participaram do processo seletivo

Curso	Alunos	Porcentagem
Ciências Sociais	1	4
Letras	16	57
Pedagogia	11	39

Os dados apresentados no Quadro 3 mostram que, dos 28 alunos selecionados, 11 eram do Curso de Pedagogia, 16 do Curso de Letras e 1 do Curso de Ciências Sociais. Cursavam no período diurno 17 alunos e 11 no período noturno. 23 eram do sexo feminino e 5 do sexo masculino. Apenas uma pequena minoria (6 alunos) possuía algum tipo de bolsa. E o grande interesse em participar do processo seletivo foi demonstrado pelos alunos dos anos iniciais dos cursos (1º, 2º e 3º anos), sendo no total 25 alunos.

Após a entrevista foram classificados 17 alunos para integralizar o projeto, sendo que 11 eram do Curso de Pedagogia e 6 do Curso de Letras. Desse

conjunto, a grande maioria estava no período diurno, 12 alunos, enquanto 5 eram oriundos do período noturno.

Quanto ao gênero, a grande predominância era de mulheres, sendo 14 do sexo feminino e 3 alunos do sexo masculino, dentre os quais, 13 deles, mais uma vez manifestaram não possuir nenhum tipo de bolsa.

A dinâmica de trabalho no PEJA/UNESP-Araraquara: relatando o fazer cotidiano

O PEJA/UNESP-Araraquara, desde a realização do seu processo seletivo, no período que a ele se sucedeu, perfazendo um ano e meio de atividades desenvolvidas em 2008 e, até o momento, meados de 2009, passou por modificações quanto à composição de seu grupo de professores alfabetizadores e classes de alfabetização.

O início, quando da retomada dos trabalhos, foi dedicado a reestruturar as atividades mais básicas do projeto, após o mesmo ter ficado interrompido em decorrência da mudança de sua coordenadora.

Permaneceram seis alunas do curso de Pedagogia, sendo duas delas com bolsa PROEX/PEJA e as demais exercendo atividade voluntária. Porém, efetivamente até o final do ano de 2008, o grupo de professores foi acrescido de mais dois participantes, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, ambos do Curso de Ciências Sociais.

Após visita aos bairros para levantamento de locais, foram formadas três salas de aula, em horário noturno, em três bairros de Araraquara. A primeira no Bairro Yolanda Ópice, uma sala situada no Centro de Assistência Social do Município. A segunda sala organizada e implantada no Bairro Santa Lúcia, no Salão Paroquial da Igreja Menino Jesus de Praga, e a última instalada no Salão Paroquial da Igreja Imaculada Conceição, no Jardim Tangará.

Em reuniões semanais do grupo, com bolsistas e voluntárias, passaram a ser analisados textos pertinentes ao processo de ensino e aprendizagem, à alfabetização e ao ensino da matemática, dentre outros assuntos relativos à organização do trabalho.

No ano de 2009, primeiro semestre, o número de participantes passou a ser de dez licenciandos, oito matriculados no Curso de Pedagogia e dois no de Ciências Sociais, sendo apenas um dos integrantes, do sexo masculino. Permaneceram duas bolsas PROEX/PEJA, tal como em 2008, mas foram acrescidas mais duas bolsas, obtidas por meio do envio de proposta ao Projeto Núcleo de

Ensino. Dessa forma, contando com quatro bolsistas, as atividades em sala de aula puderam ser melhor equacionadas, ficando cada uma dessas salas com pelo menos dois professores, sendo um o responsável principal e o outro o auxiliar, de forma a vir preparando-se para assumir a docência principal no ano seguinte.

Em termos de localização foram mantidas as mesmas salas nos bairros, tal como no ano anterior, mas foram firmados dois novos e importantes convênios, respectivamente com a Secretaria da Saúde do Município de Araraquara, por meio do Centro de Referência do Jovem e do Adolescente, e com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, por meio do Projeto “Muda Garoto”.

No texto a seguir será apresentada, em síntese, e segundo a percepção dos bolsistas do projeto, uma avaliação sobre os pontos mais significativos no que diz respeito à participação dos mesmos como professores/alfabetizadores.

A atuação docente num projeto de extensão universitária: percepções acerca das implicações para a formação inicial

As considerações apresentadas em seqüência foram elaboradas por duas bolsistas PROEX que atuaram como professoras/alfabetizadoras do PEJA/UNESP-Araraquara durante o ano de 2008.

A análise sobre os pontos positivos e negativos elencados por elas permite compreender o que um projeto de extensão universitária, com as características do PEJA, pode propiciar em termos de formação inicial de licenciandos.

No que diz respeito aos aspectos positivos, as bolsistas manifestaram que a prática em sala de aula constituiu-se no diferencial para a formação das mesmas, pelos aspectos elencados a seguir:

- permite crescimento acadêmico, pois é o momento em que, pelo confronto dos pressupostos teóricos trabalhados no curso e as exigências da prática, tais pressupostos podem ser questionados;
- permite aproximar a universidade da sociedade que a circunda e estabelecer contato com diferentes realidades sociais;
- possibilita exercer uma prática supervisionada pelo Coordenador do Projeto, bem como reflexões partilhadas com os demais colegas fazendo, dessa forma, com que haja um trabalho coletivo que propicia, ainda na graduação, uma revisão das práticas em sala de aula e do planejamento e organização do trabalho pedagógico;
- possibilita ainda organizar o conhecimento produzido para permitir a participa-

ção em eventos científicos e a publicação de artigos. Dito de outra forma, torna possível integrar o campo teórico com a prática, visando produzir pesquisa e participar da produção de conhecimento.

Em termos de aspectos negativos, as bolsistas ressaltam:

- dificuldades de infra-estrutura para as atividades didáticas nas salas de aula do projeto;
- falta de apoio institucional compatível com as necessidades do projeto;
- ausência de material didático de referência para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Como sugestão para melhoria das condições presentes, as bolsistas foram unânimes em apontar a necessidade de que haja mais apoio às atividades extensionistas no âmbito das universidades públicas.

Observando as dificuldades trazidas pelos professores alfabetizadores às reuniões semanais realizadas ao longo de todo o período letivo, o que foi possível constatar é que, em síntese, na formação inicial a grande dificuldade concentrou-se na prática pedagógica. Seria importante que cursos de graduação tivessem as atividades extensionistas como elemento central para a prática de formação inicial. A solicitação recorrente é que os integrantes do projeto deparavam-se com a dificuldade, o receio, gerados pelo desconhecimento sobre como atuar em sala de aula. Há uma grande lacuna de conhecimento no que diz respeito às metodologias para dar sustentação às atividades do primeiro segmento, que é aquele com o qual o PEJA/UNESP-Araraquara passou a atuar.

As questões trazidas para as reuniões e que foram objeto de análises, estudo e reflexões, evidenciaram que a experiência docente nas salas de aula reforça o quanto essa experiência acaba por se constituir em um significativo diferencial para a formação inicial.

Nesse sentido, além dos benefícios que os alunos do PEJA/UNESP-Araraquara possam ter por estarem freqüentando salas de alfabetização, por outro lado, no entanto, o envolvimento de licenciandos em atividades de extensão tem muito mais a contribuir para a formação inicial dos mesmos. E, portanto, por ser um dos únicos espaços em cursos de licenciatura em que tal vivência ocorra, ao finalizar esse relato de experiência no qual são apontadas algumas questões importantes sobre a atividade do PEJA em Araraquara, faz-se necessário enfatizar a relevância das atividades de extensão, intimamente relacionadas à pesquisa e à formação profissional.

Referências

[IBGE]. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese dos Indicadores Sociais 2007- Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira, set. 2007*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=987>. Acesso em: 8 out. 2008. Não paginado.

[IBGE]. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2008. *Estudos e Pesquisa. Informação Demográfica e Socioeconômica*, n. 23. Rio de Janeiro, 2008. 280 p. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2008/indic_sociais2008.pdf>. Acesso em: jul.2009. Não paginado.

[IPEA]. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *PNAD 2007: Educação e Juventude*. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/apresentacao_educacao_juventude.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2009.

JANNUZZI, P. M. *Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações*. 3. ed. Campinas: Editora Alínea, 2006.

LINDOSO, F. Lição de casa. *Desafios do desenvolvimento*, Brasília, n. 6, abr. 2004. Disponível em: <<http://desafios2.ipea.gov.br/desafios/edicoes/6/artigo12923-1.php>>. Acesso em: 6 out. 2008. Não paginado.

PINHEIRO, L. et al. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 3. ed. Brasília: IPEA: SPM: UNIFEM, 2008, 36 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/081216_retrato_3_edicao.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2009.

RELATÓRIO a mídia dos jovens. *A Mídia dos Jovens*, Brasília, ano 9, n. 12, nov. 2007. 58 p. Edição especial comemorativa de 10 anos. Disponível em: <http://www.andi.org.br/_pdfs/midia_jovens_10anos.pdf>. Acesso em: 30 set. 2008.

[UNESP]. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. PROEX. *Guia da Extensão Universitária na UNESP*. São Paulo: UNESP, 2007.

VASCONCELOS, L. O longo caminho para a escola. *Desafios do desenvolvimento*, Brasília, n. 27, jan. 2006. Disponível em: <<http://desafios.ipea.gov.br/default.jsp>>. Acesso em: 6 out. 2008. Não paginado.

WEGRZYNOVSKI, R. Ainda vítima das iniquidades. *Desafios do desenvolvimento*, Brasília, fev. 2008. Disponível em: <<http://desafios.ipea.gov.br/default.jsp>>. Acesso em: 21 jul. 2009.



Integrantes do PEJA e professores de Gavião Peixoto, SP, em reunião de trabalho na Faculdade de Letras e Ciências. Campus de Araraquara, 2004.
Fonte: acervo do PEJA-Araraquara.



Encontro do PEJA em festejos juninos. Campus de Araraquara, 2008.
Fonte: acervo do PEJA-Araraquara.

Maria Júlia Canazza Dall'Acqua
Prof. Dr. do Departamento de Psicologia da Educação da
Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Universidade
Estadual Paulista - Campus de Marília
E-mail: juliacandal@gmail.com
